

29 de dezembro

A Lontra Marinha

Ruja o mar e a sua plenitude, o mundo e os que nele habitam. Salmo 98:7.

Há quarenta anos, a lontra marinha parecia condenada. Abatida aos milhares por causa de sua pele finíssima, a espécie fora reduzida a poucas centenas de animais ao longo da costa do Pacífico, na América do Norte. Uma rígida proteção salvou-a de extinção.

À semelhança da lontra que vive nos rios, a lontra marinha tem uma existência relativamente fácil. O único animal marinho que consegue atacá-la é a baleia. Esta, porém, não pode pegar a lontra marinha enquanto ela permanecer em meio de algas ou plantas marinhas, onde a baleia não consegue nadar.

Os moluscos constituem o alimento básico da lontra marinha, que os come de maneira muito singular. Flutuando de costas, usa o peito como mesa. Para esse inteligente animal não é difícil abrir a concha do molusco. Depois de pôr o molusco sobre o peito, abre-o com o auxílio de uma pedra.

A fêmea é uma mãe amorável. Diante do perigo, ela põe o filhote no braço e procura um lugar de segurança, vindo freqüentemente à tona para que ele possa respirar. A lontra adulta pode permanecer submersa por quatro ou cinco minutos, mas os filhotes têm que respirar com mais freqüência. A lontra-mãe acaricia e beija os filhotes, mas também chega a espancá-los, se necessário.

Os mares onde esse animal vive são muitas vezes agitados. Quando o mar está tempestuoso, a lontra se envolve em folhas de algas, permanecendo num leito de ervas que fazem as vezes de um colchão. Este a mantém em segurança, até mesmo em mares agitados. Muitas vezes se pode ver uma lontra nas águas oceânicas, além de rochas perigosas, onde as ondas se agitam e produzem fortes ruídos. No entanto, mesmo em meio ao perigo ameaçador, a lontra parece tranqüila e feliz.

Em nosso texto o salmista convida poeticamente o mar e tudo o mais para se unir em louvor a Deus. Assim como ondas empoladas respondem a esse convite, podemos imaginar as lontras marinhas unindo-se em louvor, à sua própria maneira.